

SEGUNDO CADERNO

DOMINGO, 28 DE DEZEMBRO DE 2008

Novos e bons sotaques, brasileiros e universais, que chegam de Minas

Três compositores radicados em Belo Horizonte se juntam para shows no Rio

Divulgação/Luiza Moraes

Antônio Carlos Miguel

Eles vivem e desenvolvem seus trabalhos em Belo Horizonte e chegam ao Rio — para shows, amanhã, no Centro Cultural Carioca, e terça-feira, no Cinematheque, ambos às 21h, contando com as participações de Edu Krieger e da cantora espanhola Ugia Pedreira — como representantes da nova música de Minas Gerais. No entanto, desses três cantores e compositores, apenas Pedro Moraes é realmente mineiro, do Vale do Jequitinhonha, enquanto Makely Ka nasceu no Piauí e Kiko Klaus, em Pernambuco. Mas, independentemente do grau de mineirice presente (ou não) em suas certidões e produções artísticas, seus discos oferecem pessoais contribuições ao pop brasileiro contemporâneo.

Liberdade para transitar entre o samba e o rock

Também poeta, e que tem seu contrerrâneo Torquato Neto como principal referência estética, Makely Ka lançou em 2008 o inquietante CD “Autófono” — nele, através de um filtro neotropicalista, embala sua poesia com uma mistura de ritmos nordestinos e roupagem pop e eletrônica.

— O que nos une é uma concepção harmônica característica da produção mineira — diz Ka. — O que nos separa talvez seja a nossa atuação fora do palco. Nas horas vagas, Pedro faz fotos, Kiko opera mesas de som, e eu participo



KIKO KLAUS, Makely Ka e Pedro Moraes: aproximações estéticas

de reuniões intermináveis...

Pedro Moraes, que estreou em 2006 num ótimo CD homônimo — que co-produziu com Luiz Brasil e Flávio Henrique — e, no momento, prepara novo disco, agora em produção de Chico Neves, transita sem pudores estéticos entre o rock e o samba. Característica que ele diz ter em comum com seus dois parceiros nessa incursão pelos palcos cariocas.

— A inquietação é um dos elos. Nós três somos urbanos, com uma musicalidade que beira o rock, apesar de nem sempre nossos discos deixarem claro essas influências. Temos no palco, a mesma necessidade de valorização da palavra. O que separa? Eu diria que as abordagens sociais, filosóficas e emocionais nas canções são muito diferentes entre si. Algumas mais explícitas, agressivas. Outras subjetivas, mais melancólicas, leves.

Kiko Klaus, que, há três

anos, dividiu um CD com o guitarrista colombiano Carlos Jaramillo e, este ano, lançou seu primeiro solo, “O vivido e o inventado”, completa o perfil

— O que nos une é a diversidade de influências, a ligação profunda com a palavra, com a poesia, com a canção popular de uma forma livre e sem rótulos. Fazemos sambas sem termos que ser apenas sambistas, rock sem sermos roqueiros, soul sem sermos Motown — diz Klaus, que também aponta as diferenças entre o trabalho de cada um. — O que nos diferencia, não diria que nos separa, é a diversidade de raízes, origens e experiências individuais. Isso, somado às vivências e às buscas estéticas de cada um, transforma-se no resultado particular das nossas criações.

Aproximações e diferenças que já estavam presentes em seus discos e que agora poderão ser conferidas no palco. ■